

Victor Matheus Gonçalves de Figueiredo¹

(Auto)biographical writings: use of literacy in the racial belonging of high school students

Resumo:

A prática de letramento racial crítico para a formação das identidades etnoraciais é o objeto desse artigo, tendo como objetivo compreender as contribuições do letramento racial crítico e das narrativas (auto)biográficas para o pertencimento étnico-racial das/os jovens participantes do grupo etnicoleituras. presente pesquisa foi efetivada no contexto da pandemia de covid-19, na modalidade remota online, e teve como finalidade analisar por meio das narrativas (auto)biográficas a compreensão dos jovens participantes do grupo etnicoleituras, sobre as questões étnico-raciais e o desenvolvimento do letramento racial crítico. Os sujeitos da pesquisa foram jovens estudantes do ensino médio, da região metropolitana de Fortaleza. A metodologia utilizada nessa pesquisa é a de narrativa (auto)biográfica, na qual são analisados os discursos e trajetórias de vida dos participantes do grupo etnicoleituras.

Palavras-chave: Letramento Racial. Estudos Raciais. Autobiografia.

Abstract:

The practice of critical racial literacy for the formation of ethnoracial identities is the object of this article, aiming to understand the contributions of critical racial literacy and (auto)biographical narratives to the ethnic-racial belonging of young people participating in the ethnic-reading group. This research was carried out in the context of the Covid-19 pandemic, in remote online mode, and aimed to analyze, through (auto)biographical narratives, the understanding of young participants in the ethnic-reading group, about ethnic-racial issues and the development of critical racial literacy. The research subjects were young high school students from the metropolitan region of Fortaleza. The methodology used in this research is (auto)biographical narrative, in which the speeches and life trajectories of the participants in the ethnic reading group are analyzed.

Keywords: Racial Literacy. Racial Studies. Autobiography.

¹ Professor de Sociologia na EEMTI Desembargador Raimundo de Carvalho Lima, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: victor.figueiredo9785@prof.ce.gov.br

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como base a minha dissertação no programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Ceará, o tema central foi o letramento racial. Parte do estudo que apresento aqui foi realizado com estudantes do ensino médio de escolas públicas do estado do Ceará, residentes na região metropolitana de Fortaleza. O lócus da pesquisa foi um grupo de leitura online sobre as relações etnoraciais, do qual eu fazia parte juntamente com outros dois colegas, professores Tiago e Inaes, ambos ministram a disciplina de História. Os sujeitos da pesquisa foram os participantes do grupo de leitura, atualmente fazem parte 20 estudantes, sendo todos jovens, entre 15 e 17 anos, dos sexos masculino e feminino. Os encontros do grupo ocorreram nos anos de 2020 e 2021, durante o período de quarentena de Covid 19.

Inicialmente, o grupo contou com uma média de 20 participantes, sendo alunos de várias escolas da região de Maracanaú, Pacatuba e Guaiuba. No decorrer dos encontros, alguns jovens saíram e outros entraram, o contexto de encontro remoto tinha alguns requisitos que nem todos possuíam, como acesso à internet, aparelho eletrônico para acessar o meet e disponibilidade de tempo. Em média, o grupo possui 20 participantes que interagem no WhatsApp e participavam de vídeo chamadas. O nome do grupo foi escolhido por meio de uma votação realizada no WhatsApp, o nome Etnicoleituras foi o mais votado entre todas as propostas submetidas.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse estudo, foi aplicado o uso dos círculos de leituras como forma de estimular os participantes a produzirem suas narrativas (auto) biográficas. A dinâmica do círculo de leitura compreende as etapas de formação do grupo, seleção das leituras juntamente com os participantes, leitura das obras escolhidas, discussão das leituras e produção de material autoral partindo das discussões realizadas. O uso da ficha de leitura é uma maneira de oferecer, inicialmente, um caminho para estimular a reflexão sobre a leitura, além de possibilitar diferentes perspectivas de um mesmo texto.

A ficha é composta de funções que o mediador de leitura tem a possibilidade de acrescentar novas funções ou escolher quais utilizar no círculo. As funções presentes na ficha proposta por Cosson (2014) são:

- a) Conector- liga a obra ou o trecho com a vida, o momento;
- b) Questionador- prepara perguntas sobre a obra para os colegas, normalmente de cunho analítico, tal como por que os personagens agem desse jeito? Qual o sentido deste ou daquele acontecimento?
- c) Iluminador de passagens- escolhe uma passa-

gem para explicitar ao grupo, seja porque é bonita, porque é difícil de ser entendida ou porque é essencial para a compreensão do texto;

- d) Ilustrador- traz imagens para ilustrar o texto;
- e) Dicionarista- escolhe palavras consideradas difíceis ou relevantes para a leitura do texto;
- f) Sintetizador- sumariza o texto;
- g) Pesquisador- busca informações contextuais que são relevantes para o texto;
- h) Cenógrafo- descreve as cenas principais;
- i) Perfilador- traça um perfil das personagens mais interessantes (COSSON, 2014, p. 143).

Ressalto que a pesquisa foi realizada de forma online, utilizando as ferramentas Google formulário, Google Meet e grupo do WhatsApp. Foi possível ter contato direto com os participantes da pesquisa, sendo possível ter maior aprofundamento nas questões abordadas durante os encontros.

3. PERTENCIMENTO ÉTNICO-RACIAL

Destaco aqui a discussão sobre o pertencimento étnico-racial por meio da proposta de uma atividade que era responder, na forma de um texto, como cada um se identificava racialmente e poderia acrescentar elementos que cada um considerasse importantes para a sua autodeclaração.

Conceição - não é nenhuma questão de aceitar a minha pele por não ter uma melanina muito forte, as pessoas diziam "você é muito branca para ser negra e muito negra para ser branca" eu me perguntava o que eu sou. Você é parda aí eu paro para pensar o passado é muita coisa ao mesmo tempo, não é? É como se fosse simplesmente uma forma de dizer "você não é nem isso né aquilo" "você é um meio-termo" aí eu não me conformava. De um tempo para cá eu tive muitos professores que me influenciaram muito até para me interessar muito por debates. Eu acho que eu comecei mais a mim aprofundar nessa questão quando eu conheci a minha ex professora de história no 9º ano, que ela tinha um grupo de resistência mesmo, e todo sábado de todo mês a gente ia fazer as reuniões do cacheando-se trançadas e foi indo para as reuniões que eu aprendi que eu não sou parda eu sou negra. Foi aí que eu fui entendendo mais sobre toda essa questão (CONCEIÇÃO).

O processo de reconhecimento que Conceição passou teve relação com o contato que teve com um projeto de uma professora no fim do seu ensino fundamental 2, as ações desse projeto tinham como foco discutir sobre identidade a partir das características físicas, principalmente os cabelos. Esse reconhecer-se como negra teve a educação escolar, meio formal, como crucial no entendimento de seu pertencimento racial. Conceição ressalta que teve várias professoras e professores ao longo da sua trajetória escolar que trataram sobre questões raciais.

Ângela - Eu não sei se vocês estão me ouvindo direito porque eu estou no telefone... Tipo, assim minha família é assim banda, banda. Uma parte negra que é a parte da minha mãe e a parte do meu pai que é branca. Meu pai é um homem branco, daí nasceu

meu irmão que é branco, e nasceu meu outro irmão que é preto e eu nasci no meio termo, não é? Todo mundo dizia isso. (Risos) Tipo assim, sério quando eu vi esse vídeo agora eu parei para prestar atenção, mesmo na primeira vez eu vi muito apressada e eu parei para perceber que é eu. É muito eu. Eu nasci sem cor porque as pessoas brancas dizem que eu sou preta demais e as pessoas pretas dizem que eu sou branca demais. E eu sou aquele tipo de pessoa parda. Eu sempre me reconheci como isso, minha mãe é uma mulher negra, não é? Mas ela nunca se reconheceu ao fato de me ensinar sobre racismo. É tanto que ela disse que não fez diferença nenhuma que ela não enxerga isso, que isso não tem afetado a vida dela, ela ser negra, mas ela já melhorou muito a ponto de reconhecer. Minha bisavó, que é negra, ela faz diferença por pessoas porque meu irmão, o preto, ela sempre teve mais aquela coisa assim que ele é lindo e tal, mas o branco que nasceu com olhos verdes, por incrível que pareça, ela disse que ele é maravilhoso, que ele é morto de lindo. E hoje em dia como a minha mãe se reconhece um pouco, ela é capaz de perceber essa diferença de cores, mas ela nunca foi aquela pessoa de me dizer "olha não existe gente parda" tanto que ela nunca estudou sobre esse assunto entendeu? Para ela não faz diferença ela ser negra, ela ser branca, isso foi muito ruim para mim porque com 7 anos eu decidi alisar o cabelo porque eu não gostava do cabelo cacheado. Foi aí que eu acho que anos passaram, eu sempre gostei de causas sociais, sempre, sempre, sempre eu amo falar sobre feminismo, gordofobia, eu sempre gostei, mas eu nunca tinha parado para pensar se eu era realmente branca ou se era preta. Passou eu acho que... pronto com 16 anos que foi agora quando eu conheci o professor de história. Eu disse pra ele "eu não sei que cor eu sou" e ele disse assim "olha tu é preta" e eu fiquei valha meu Deus! Será? Eu levei muito tempo para me identificar como uma mulher negra... eu fui parar para pensar e realmente eu sou e não importa quem disser o contrário. Ele me explicou sobre a colonização, o colorismo, não é? Como a sociedade quer nos embranquecer e desde quando ele falou isso eu me reconheci. Eu amo meu cabelo... eu já amava porque eu tive que cortar o meu cabelo, eu decidi cortar, minha mãe me ajudou muito eu cortei meu cabelo bem acima da orelha, eu sofri muito nesse tempo, muito mesmo. Mas aí eu superei, eu comecei a usar bandana, comecei a usar lenço, turbante, comecei amar o meu cabelo por mais que ainda aconteça muito isso das pessoas dizerem que eu não sou negra. Entendeu? Eu sou como o ditado popular diz "eu sou morena". Olha o quanto eu demorei para me reconhecer, teve que 16 anos depois que eu nasci uma pessoa completamente estranha, para mim dizer que eu era preta e ter mudado tudo isso. Porque a partir do momento que ele disse isso para mim eu fui pesquisar e eu vi que é real isso... era a solidão da mulher negra, sobre mulher negra casar com homem branco e isso aconteceu na minha vida. Aconteceu com a minha mãe, eu vi o quanto que isso é verdadeiro, o quanto que isso é real e eu não via... eu não consegui enxergar isso. Eu acredito, sim, que educação pode mudar as pessoas, acredito que pela educação eu tenho um pensamento que eu tenho hoje e é isso (ÂNGELA).

Para Ângela o processo de reconhecer-se como mulher negra, também passou pelos caminhos de Conceição, mas em tempos diferentes. A dúvida posta

sobre ela em relação a seu pertencimento étnico-racial surge em relação à comparação entre ela e os irmãos, onde ela é colocada no meio termo, nem branca e nem negra, e os irmãos são lidos um como branco e o outro como negro. A figura da mãe tem um papel muito decisivo na vida dela, ao entender-se como mulher negra ela volta-se para a mãe e reflete os motivos que não fizeram com que a mãe ensinasse isso para ela, já que ambas são negras. O Casamento interracial com um lado da família negra, o da mãe, e o outro, do pai, branco. A mãe custou a se reconhecer negra e isso repercutiu negativamente sobre ela, pois tentou esconder seus traços de negritude no cabelo, alisando e depois cortando. Suas características físicas, principalmente os cabelos foram determinantes para que ela mudasse o modo como se via. Passou a aceitar mais o cabelo, deixando de realizar procedimentos químicos para tentar alisar os cabelos e usando produtos para valorizar seus cachos. O contato com um professor de história, fez com que o meio termo racial em que se encontrava desse lugar a uma certeza de quem ela era. Ao explicar sobre colorismo e que por motivos históricos pessoas negras foram divididas pela cor favorecendo o embranquecimento, mas que ela era preta. Ao ter uma afirmação de que ela era negra e ter explicações sobre os motivos que a faziam não se identificar dessa maneira, seu entendimento mudou. Além de ao ir pesquisar sobre esses assuntos ela passou a se encontrar e entender o porquê da solidão da mulher negra.

Conceição e Ângela tiveram na educação, e na figura de professoras e professores, a possibilidade de refletir sobre suas identidades. Conceição por meio de um projeto de uma professora e Ângela por meio de conversas e aulas com um professor de história. Ambas refletiram sobre si mesmas por meio da escola, sejam por projetos na escola ou por meio de conversas informais com seus professores. Olga fala em seguida em como se vê em relação ao seu pertencimento étnico-racial:

Olga - Foi a mixagem que deu errado, rolou no útero da minha mãe. Eu peguei os traços do meu pai e nasci com a cor da minha mãe. Eu me vejo como uma mulher branca porque eu nunca passei racismo por conta do tom da minha pele. E o único preconceito que eu passei ao longo da minha vida foi questão do meu cabelo, do meu nariz, a sobranceira alguma parte do rosto porque eu peguei esses traços mais do meu pai, mas eu não passei o racismo da questão da cor da minha pele, eu sou branca, tem parte que é quase transparente (OLGA).

Olga relata o inverso de Ângela, filha de pai negro e mãe branca ela conta que tem a pele branca e os traços negros, não sofrendo racismo, mas sofrendo preconceito. Em sua fala é possível perceber como o racismo é um tema complexo de ser entendido, pois ela é branca é tem traços negros o que acaba tendo que ouvir comentários sobre sua aparência. Segun-

do Gomes (2005) o preconceito é uma representação mental que os indivíduos têm sobre algo, no caso do preconceito racial ocorre um juízo de valor sobre pessoas negras por conta de sua pele e suas características. Ou seja, a discriminação racial é a efetivação do preconceito racial. Olga tem a pele branca, o que lhe poupa de sofrer racismo, mas as suas características físicas não impedem que ela sofra comentários preconceituosos. Texto de Isaque:

Isaque - Meu nome é Isaque, sou um jovem negro de 17 anos e me fizeram a seguinte pergunta: O que é ser jovem na cidade onde moro? Ser um jovem negro na região metropolitana é sentir a obrigação de estar preparado para dificuldades que testarão a sua persistência. Exclusões e falta de oportunidades te farão pensar que você é o problema, a cidade é bela e calma, mas não é o melhor lugar para alguém que quer crescer na vida, assim como eu, alguém sem muitos privilégios, que terá de ralar muito para seguir adiante, sentindo a necessidade de deixar a terra natal para assim criar um futuro promissor. Creio que essa breve resposta possa responder sua pergunta (ISAUQUE).

Isaque relaciona o seu pertencimento étnico-racial à localidade em que vive, ressaltando as dificuldades de ser um jovem negro e sofrer racismo. A exclusão é em um sentido duplo, tanto por conta do racismo, como pela falta de oportunidades na cidade, levando-o a ter que sair de onde mora para ter uma profissão. Sua fala tem um tom de melancolia, em que ele parece gostar da cidade, mas tem que esforçar-se em dobro para competir com os privilégios de outros. Ser um jovem negro e que não faz parte de nenhuma família rica da cidade dificulta manter-se estabelecido na localidade onde reside. As famílias ricas têm acesso aos cargos comissionados na prefeitura e desfrutam de acessos econômicos que o restante da população não tem. Para ele, sofrer racismo e preconceito de classe significa ter o dobro de dedicação tanto nos estudos quanto para o trabalho.

Ângela fala sobre sua família ressaltando sobre a sua mãe:

Ângela - Não era que a minha mãe não gostasse do cabelo dela, minha mãe sempre gostou do cabelo dela, mas ela não se reconhecia, entendeu? A gente nunca teve aquela conversa mãe e filha e tal "eu sou negra, eu já passei por isso" mas pelo contrário ela sempre acreditou que ser negra não tinha dificultado muito a vida dela até um dia desses que eu perguntei quantas oportunidades na vida dela já tinha perdido por ser negra e foi aí que ela foi pensar. Ela só alisava porque era moda, minha mãe sempre gostou muito do cabelo dela só que ela não se reconhecia como uma mulher negra, ela não passou esse amor para mim do cabelo dela para mim ela não me ensinou amar o meu cabelo. Era eu que queria alisar. Eu gostava muito do meu cabelo solto aí as tiazinhas da escola pegava para fazer trança para poder baixar o volume, tá entendendo? Eu sempre gostei muito do meu cabelo solto e isso sempre foi uma problemática para minha mãe porque ela achava que se ela deixasse eu

de cabelo solto o pessoal ia achar que ela era uma mãe desleixada, achar que eu estaria desarrumada, descabelada, que ela não tinha tempo para pentear o meu cabelo. Aí ela disse que se eu quisesse abaixar eu poderia abaixar o cabelo e eu alisei. Naquela época não era que nem hoje que tinha produtos próprios para cabelo cacheado, não era assim, entendeu? As blogueiras eram todas de cabelo liso, meninas do YouTube era todo de cabelo liso, então se você queria representatividade você não tinha de jeito nenhum. Quando eu alisei houve também mais aceitação, foi no tempo que os meninos da escola me acharam mais bonita porque as pessoas achavam mais bonito cabelo liso. Então aquilo dali foi muito pesado para mim eu tinha mais aceitação em todo canto e eu achava o máximo. Alisei o meu cabelo, meu cabelo caiu muito, meu cabelo torou no meio, tipo, ele ficou na raiz. Ele ficou cacheado no meio do cabelo, até um pouquinho das pontas ficou liso e nas pontas ficou cacheado. Eu não podia cortar meu cabelo porque ia cortar tudo, tinha que raspar. Passei por muita humilhação na minha vida quando eu cortei esse cabelo, ficou espichado, uma coisa tão horrível. Esse tempo já estava estudando com as meninas, eu estava no 8º ano, aí eu sofri muito, muito, mesmo era uma coisa horrível. Não podia nem olhar para mim mesma, foi um tempo que muita gente se afastou de mim, foi o tempo que eu mais fiquei solitária na minha vida também. Eu só sei que eu passei por muita humilhação, eu passei por tanta humilhação pessoal quanto da minha família também por estar fazendo isso, meus irmãos mangavam muito de mim. Fui amar o meu cabelo de novo já estavam os cachinhos as coisas mais lindas, aí foi outra onda de racismo também. O pessoal perguntava se eu penteava, agiam como se eu fosse uma pessoa de outro planeta, se eu podia molhar, se eu molhava todo dia, se travava o pente (ÂNGELA).

Ângela entende-se como mulher negra na escola ao entrar em contato com um professor de história, mas antes dessa reflexão ela passa por um processo familiar e psicológico a partir de suas características físicas. Ela pontua que sofreu opressão estética ao não ser permitida viver uma estética negra, aceitando seus cabelos e traços físicos. Seu relato demonstra o profundo desrespeito que ela passou nos ambientes familiares e escolares. E mesmo realizando as intervenções nos cabelos, usando produtos químicos para alisar, não foi possível adequar-se totalmente a estética do padrão.

Com o conhecimento atual ela entende que a o processo de alisamento do cabelo foi uma forma de aproximar-se do padrão branco, pois antes o volume do seu cabelo era visto como um problema na escola, na família e nos círculos de amizade. Alisar o cabelo foi bom no primeiro momento, mas o resultado da química capilar acarretou problemas nos seus cabelos afetando a sua autoestima e causando isolamento. Ângela cita que sua mãe tinha preocupação sobre os seus cabelos, pois o alto volume dos seus cabelos poderia ser interpretado como maus cuidados por parte dela. Em um primeiro momento sua mãe não percebia que o que sua filha passava poderia ser considerado racismo, mas hoje em dia Ângela

diz que conversa bastante com sua mãe sobre isso e ela está mais aberta para entender acerca disso.

Outro fato a ser destacado na sua fala é o quanto que a estética negra é desrespeitada por pessoas brancas. Os produtos vendidos para o procedimento de alisamento foram feitos por uma mulher branca que prometeu realizar o procedimento e não surtiu os efeitos desejados. Seu cabelo danificado foi motivo de risos e chacotas, inclusive dos seus irmãos, que afetaram a sua autoestima. Ela chorava bastante e diz sentir-se uma extraterrestre, um exemplo de como corpos negros são tratados como algo tão diferente e estranho que deveriam ser de "outro mundo", não fazendo parte da realidade social.

A opção da transição capilar foi também um caminho de aceitação de seus cabelos, mesmo sofrendo racismo e tendo dificuldade de encontrar produtos, ela manteve o posicionamento de usar os cabelos de forma natural. Para Munanga (2009), identidade e características físicas estão entrelaçadas no processo de aceitação de si mesmo: "a identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade." (p.19)

Um importante teórico sobre a identidade do negro no Brasil é Sousa (1983) que, por meio da psicanálise, analisa o processo de tornar-se negro. Compreender-se como pessoa negra foi um processo que Ângela e Conceição passaram durante a sua adolescência ao entrar em contato com professores que as fizeram refletir sobre as suas vivências. Sousa (1983) expõe por meio da psicanálise que o processo de auto identificação do negro faz parte de um momento de ruptura com uma sociedade pautada na branquitude, onde o negro é visto sem um pertencimento que o permita identificar-se com os seus antepassados.

Sobre identidade negra, Gomes (2005) diz:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e feitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeadas de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelecer" (GOMES, 2005, pág. 43).

Cabral (2016) corrobora com essa afirmação de Gomes (2005), sob uma perspectiva dos estudos culturais, a identidade não é única, e não é coesa, tendo as relações sociais do cotidiano, associadas às relações de poder que regem os espaços institucionais. Hall (2005), importante teórico que pesquisou as teorias

sobre os estudos culturais, relaciona identidade e globalização ao analisar as mudanças nas sociedades modernas.

Os efeitos da globalização nas sociedades têm como características a integração entre as nações, mudanças no tempo-espço, acontecimentos locais passam a ter impactos em outras partes do mundo, tendo um mundo mais interconectado. A ocorrência dessas identidades em um mundo globalizado e de maneira híbrida ocorre no interior das instituições sociais: família, igreja, trabalho, mídia, escola etc.

Instituições essas que são citadas pelos jovens ao falarem que a religião da família é fator de silenciamento sobre temas sociais, principalmente o racismo, machismo e homofobia. Ao mesmo tempo em que outras instituições oferecem espaço para que esses temas sejam debatidos, como as redes sociais e canais de vídeos, e a escola.

Ao falar sobre como se identificam racialmente, as participantes negras ressaltam as situações de racismo que passaram. As participantes que se identificam racialmente como brancas citam situações de racismo que observaram ao longo da vida, compreendem que ser branco é ter o privilégio de não ter sofrido racismo, porém não tematizam sua identidade com as relações raciais do cotidiano.

Sobre branquitude, Cardoso diz:

Nos estudos sobre a branquitude, no Brasil e em outros países, existe o consenso de que a identidade racial branca é diversa. No entanto, na busca por uma definição genérica, podemos entender a branquitude da seguinte forma: a branquitude refere-se à identidade racial branca, a branquitude se constrói e reconstrói histórica e socialmente ao receber influência do cenário local e global. (CARDOSO, 2010, p. 5).

Assim como a identidade negra é influenciada no mundo globalizado, a identidade branca também é influenciada, mas tem como principal característica manter-se como o padrão social, como o centro referencial a ser seguido de maneira não questionadora. A falta de tematização racial da branquitude é uma característica que ressalta como não foi necessário para esses indivíduos pensarem a sua identidade racial, está no centro implica que o outro é o diferente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao material coletado, ao longo dos 20 encontros, foi possível discutir sobre e pertencimento étnico-racial dos participantes, levando em conta o contexto em que a pesquisa foi realizada: isolamento social, situação em que cada participante estava inserido, dentre estas, a dificuldade de acesso à internet e situação familiar.

A contribuição das participantes, cada uma com suas especificidades, resultou em textos autorias, discus-

sões e falas que permitiram conhecer melhor cada uma, além de apreender que por meio da trajetória delas era possível abordar as diversas facetas do racismo. O grupo foi bastante diverso, o que possibilitou tocar em diversos outros assuntos sociais que elas consideravam ser importantes de abordar por conta da realidade em que viviam nas suas famílias e localidade.

Por meio do que foi produzido nos encontros é possível afirmar que ocorreu letramento racial e letramento literário por meio das obras lidas e autoras estudadas. É possível afirmar que as participantes conectaram as leituras e discussões com as suas vivências por meio de textos (auto)biográficos e relatos.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica**: A supremacia racial e o branco anti-racista. v. 8, n.1, p.607-630, 2010.

CABRAL, A.; Schneider, M. O legado de Stuart Hall e a Comunicação Comunitária. **Revista MATRIZES**, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 107-124, Jul./set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v10i3p107-124>

COSSON, R. **Círculo de leitura e letramento literário**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2014

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: Uma breve discussão. História. Coleção para todos. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação – 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte, Autêntica, 2009.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.